

O filho do sr. Balssa

Tours, às margens do rio Loire, representa, sem dúvida, a França mais típica que se possa imaginar. Uma catedral, uma ponte, velhas casas feitas de pedras brancas, aquele tufo leve facilmente esculpido e de rápida erosão; ruas antigas onde se vêem ainda construções de estilo enxaimel dos tempos medievais. Entre as celebridades da cidade, o seu terceiro bispo, o famoso São Martim, que cortou o seu casaco em dois, e também o primeiro historiador da França, Grégoire, de Tours, autor de *Historia francorum*.

Nos arredores, nas encostas que margeiam o Loire, cultivavam-se videiras. Ao longo desse rio majestoso e de aparência tranqüila, mas, na realidade, caprichoso e perigoso, no qual a navegação comercial é, no entanto, próspera até o final do século XX, os reis capetianos haviam construído suas residências, em Blois, Chambord e em outros lugares. Louis XI, por sua vez, apreciava as temporadas em Plessis, muito próximo de Tours, onde começa o célebre romance de Walter Scott, *Quentin Durward*. Rabelais, Ronsard, Du Bellay, os grandes escritores que ao longo do século XVI “defendem e ilustram” a língua francesa, nasceram nesse vale do Loire onde François I, o monarca que impôs o francês real como língua oficial, criou o depósito legal, a Imprensa Nacional e o Collège de France, adorava ir caçar e reencontrar os “seus” burgueses, os “seus” lojistas, os “seus” artesãos, o “seu” povo.

Balzac nasceu em Tours, em 20 de maio de 1799. Nasceu provinciano da Touraine, e esse dado é essencial. Toda a sua obra traz as imagens da província francesa e dessa Touraine à qual voltará freqüentemente e onde situa diversos romances: *O cura de Tours*, *O ilustre Gaudissart*, *O romeiral*, *A mulher de trinta anos*, *O lírio do vale*. Apreciará descrever as paisagens, o reflexo do rio, a bruma nas encostas, as florestas, os bosquetes tranqüilos. Se quisermos continuar, como ele mesmo fez, a descer o rio, chegamos a Saumur, outro lugar monár-

quico, onde se desenrola *Eugénie Grandet*. A seguir, as regiões dos *chouans*, os partidários da realeza durante a Revolução Francesa, e, para terminar, a península de Guérande, onde ocorre o impiedoso *huis clos* amoroso de *Béatrix*.

Apesar dessa forte impregnação, as suas origens familiares não são de Tours. O seu pai, Bernard-François, nasceu no departamento do Tarn em 1746. É filho de um camponês que não se chamava “de Balzac”, mas Balssa. Voltaremos a isso. Talentoso nos estudos, formado em direito, esse provinciano corajoso e capaz foi, antes da Revolução Francesa, à capital em busca de fortuna. Teve êxito graças aos seus méritos. Foi escrevente de tabelião, profissão à qual destinará o seu filho; a seguir, secretário de um membro do Conselho de Estado do rei. Hábil, prudente para encontrar protetores, atravessa sem grandes incidentes os tempos turbulentos da Revolução Francesa. Será secretário de um ministro da Marinha e depois se encaminhará para o fornecimento de mantimentos às forças armadas.

É no âmbito dessas funções que se instalou em Tours, onde foi nomeado diretor dos mantimentos da 22^a divisão militar. Quando os “Azuis” partem para oeste a fim de liquidar o que resta do monarquismo ativista, é o senhor Balssa (Balzac) que cuida do aprovisionamento dos soldados em trigo e em vinho. Pouco mais tarde, reputado por suas sólidas qualidades de administrador e organizador, exercerá a direção do Hospital Geral do município, antes de tornar-se vereador.

Aos 52 anos, escolheu como esposa Anne-Charlotte-Laure Sallambier, filha de um diretor da administração dos Hospícios, em Paris; uma moça de 19 anos, educada em uma burguesia modesta e sólida. Logo depois do casamento, celebrado em 1797, eles se estabeleceram em Tours.

O primeiro filho, Louis-Daniel, nascido em 1798, morreu com 33 dias. Honoré lhe sucedeu no ano seguinte; terá duas irmãs, Laure, nascida em 29 de setembro de 1800, e Laurence, nascida em 18 de abril de 1802.

A morte do pequeno Louis-Daniel parece ter sido provocada por um problema de amamentação. Foi por isso

que Honoré, assim como a sua irmã Laure, passam os seus primeiros anos com uma ama-de-leite, no campo. Seria essa a única razão do afastamento? Não se tem certeza. O casal Balzac não parece muito inclinado a se ocupar dos filhos no dia-a-dia. Em todo caso, resulta daí uma tenra cumplicidade, que nunca se desmentirá, entre o irmão e a irmã, ambos isolados numa família emprestada e interessada sobretudo nos ganhos. Honoré permanecerá convencido, durante sua adolescência e juventude, de que o único ser nesse mundo que o ama e o compreende é essa irmã, com quem dividiu as brincadeiras e os machucados de menino. Ela nunca cessará de defendê-lo; confiarão um ao outro os seus segredos. Em uma das suas primeiras tentativas romanescas, *Sténie*, ele abordará o carinho ambíguo entre um irmão e uma irmã “de leite”, a ponto de o menino sentir um ciúme violento quando ela se casa.

Em 1856, Laure Balzac, então sra. Laure Surville pelo casamento, publicou as suas recordações sobre o irmão. São interessantes, ainda que a piedade familiar e fraterna a tenham levado a encobrir alguns aspectos da vida dele, sobretudo em matéria amorosa. Mas o retrato que ela faz do pai não deixa dúvida de que o caráter e as inclinações do romancista devem muito a Bernard-François Balzac.

O pai de Balzac tem uma personalidade forte. Esse homem bolachudo, de expressão serena e tranqüilizadora, é um funcionário público capaz e bem-sucedido. É, ainda por cima, um homem curioso sobre tudo, que gosta de se instruir e discursar, e cujo percurso profissional contribui para uma experiência suficientemente longa da vida e da sociedade. É um grande leitor de Montaigne, de Rabelais. Como muitos homens da sua condição e da sua geração, é um voltairiano. Entretanto, evoluirá depois da Restauração de 1815, quando os interesses da sua carreira o incitarão a se mostrar um bom católico... Encontramos, em diversos personagens de Balzac, esse ceticismo político prudente, consequência inevitável da sucessão precipitada dos regimes.

O sr. Balzac é também um original, um “pensador”. Pro-fessa teorias que considera infalíveis sobre a arte e a maneira

de chegar à velhice. É a sua idéia fixa. Com mais de setenta anos, não deixa de se vangloriar aos filhos de tirar umas lasquinhas das criadas, no campo, em Villeparisis. Funcionário competente e aplicado, publicou diversas brochuras de utilidade pública, em particular uma tal *História da raiva* e dos meios para remediá-la. Preocupou-se também com a reinserção social dos homens condenados a uma pena de prisão, precognizando a criação de ateliês especiais em que pudessem trabalhar e atender às próprias necessidades.

Sonhando em garantir a fortuna familiar, lançou-se na singular aventura da “tontina Lafarge”. Tratava-se de um sistema de seguro de vida vitalício, no qual era prometido aos assegurados que vivessem mais tempo recuperar, sob forma de pensão, o que tivessem depositado os contribuintes de menos sorte.... O sistema ideal para um homem que tinha certeza de que se tornaria centenário. Diga o que disser Laure Surville, o sr. Balzac, que faleceu em 1829, aos 83 anos, parece ter deixado nesse negócio mais dinheiro do que jamais ganhou.

O seu interesse pelo patrimônio público e pelas questões sociais, a sua rica memória, os seus caprichos, a sua propensão a teorizar com certa ingenuidade são traços que encontramos no seu filho. Não “explicam” o romancista, mas caracterizam o homem, as suas reflexões, o olhar que lançou sobre as coisas que o cercam.

O seu verdadeiro nome, conforme dissemos, era Balssa, mas achou mais elegante o nome de uma cidadezinha de sua região, Balzac, ao qual, depois da Revolução Francesa, acrescentou discretamente uma partícula. O seu filho não deixará de utilizá-la orgulhosamente em dedicatórias de livros, fingindo até mesmo ser aparentado a uma família (em realidade extinta), os Balzac de Entragues. Ninguém, aliás, nos salões parisienses, se deixou enganar pela “nobreza” de Honoré de Balzac.

Essa passagem de Balssa a Balzac, e depois a “de” Balzac, esteve na moda. Leiamos as primeiras páginas de *Eugénie Grandet*: “Desde a sua nomeação à presidência do tribunal de primeira instância de Saumur, esse jovem acres-

centara Bonfons ao lado do nome Cruchot, e esforçava-se para que Bonfons prevalecesse sobre Cruchot. Assinava então C. de Bonfons. O pleiteante, pouco hábil, a ponto de chamá-lo de sr. Cruchot, logo na audiência deu-se conta da sua estupidez”. É assim: aqueles franceses tão orgulhosos de terem feito a Revolução sonham obstinadamente em tornarem-se nobres. Afinal, não deixa de ser uma maneira de reivindicar a igualdade de direitos...

Laure Surville, nessas mesmas recordações, mostra-se um pouco mais evasiva a respeito da sra. Balzac. Essa moça charmosa e coquete, que provavelmente encantou vivamente o coração do quinquagenário Bernard-François, não parece ter aceitado de bom grado o papel de mãe. Honoré e as suas irmãs, na maior parte do tempo, desconheciam as alegrias simples do lar familiar. Mesmo tendo voltado da ama-de-leite, vivem com pais que estavam muito mais preocupados com a sua vida mundana e profissional (isso se confirma) do que com a proximidade com os filhos. A sra. (de) Balzac mostra-se exigente e severa com as suas crianças; os seus ataques de bom humor e carinho são tão imprevistos quanto aguaceiros, e se interrompem como esses.

Há coisas mais graves. Em 1807 – Honoré tem oito anos – ocorre um fato que marcará profundamente a sua vida. É mandado como interno ao colégio dos Oratoriens de Vendôme, onde ficará até 1813. No mesmo ano, sua mãe dá à luz o pequeno Henri. Eis aí um segredo de família que mais tarde deixará de sê-lo, mas que a criança já adivinhou ou desconfiou. Henri não é filho de Bernard-François Balzac, mas de um amigo do casal, um castelão das redondezas que se chama sr. de Margonne.

O próprio Bernard-François Balzac não alimenta, aparentemente, qualquer a ilusão sobre isso. Mas, fatalista, sustenta a farsa.

Honoré de Balzac freqüentaria, mais tarde, a casa dos Margonne. Ainda se pode ver, no seu castelo de Saché, uma bela construção imponente e rústica, o quarto monacal onde o escritor, longe do barulho de Paris e dos seus credores, face

à serenidade tranqüila dos horizontes da Touraine, podia dedicar horas calmas à sua obra.

Mas, por enquanto, o jovem Honoré sabe perfeitamente que, ao passo que ele se aborrece entre os muros sinistros do colégio dos Oratoriens, sua mãe distribui atenções e carinhos a esse irmãozinho malvindo, que é e permanecerá, como que por acaso, o seu preferido. É preciso imaginar o que era, para o menino, entediarse no pensionato, longe dos seus, longe das brincadeiras e do lar doce lar, longe daquela irmã ao lado da qual conheceu os únicos verdadeiros momentos de afeto da sua infância, pensando que, enquanto isso, o outro era rei... O amor materno fez uma falta terrível a Balzac, e é evidente que buscará de bom grado mulheres mais maduras, como a sra. de Berny, a sua primeira grande paixão, ou, um pouco mais tarde, a duquesa d'Abrantès. Aprendeu, às suas próprias custas, que não podia confiar naquela mãe que descreve como imprevisível, “massacrante durante cinco horas, e alegre e afável por um instante”, inutilmente severa, fria e distante das suas irmãs e dele, face a um marido silencioso e aparentemente resignado.

Longe de suavizar-se com os anos, esse conflito permanecerá doloroso e perfeitamente explícito. Temos cartas de Balzac à sua mãe nas quais ele não se constringe em dizer o que pensa com termos de uma brutalidade incrível: “Você será sempre como a galinha que chocou no galinheiro o ovo de um estranho volátil...”. E ainda, aos 50 anos: “Deus e você sabem bem que você não me sufocou de carícias nem de afeto desde que vim ao mundo. E você fez bem, pois se tivesse me amado como amou Henri, eu estaria, sem dúvida, onde ele está e, nesse sentido, você foi uma boa mãe para mim”. Ironia severa: Henri de Balzac não fez grande coisa da sua existência. Depois de périplos longínquos nos quais se pressupunha que conquistaria fortunas, voltou à França, com uma mão na frente e a outra atrás, acompanhado pela viúva com quem se casou nas Ilhas Maurício e o filho dela. E foi a Honoré que a sra. Balzac mãe pediu dinheiro para ajudá-lo.

As cartas à sra. Hanska também são testemunho dessa ferida. “Nunca tive mãe... Eu nunca revelei a você essa chaga; ela era por demais horrível, e é preciso vê-la para acreditar.” Essa infância frustrada e as infinitas questões que ela alimenta o romancista as empresta a Félix de Vendenesse, herói de *O lírio do vale*: “Que vaidade podia eu ferir, eu, o recém-nascido? Que desgraça física ou moral me valeria a frieza da minha mãe? Será que eu era filho do dever, aquele cujo nascimento é fortuito, ou aquele cuja vida é uma reprovação?” *O lírio do vale* é precisamente um romance em que aquilo que é, de início, um vivo desejo amoroso se transforma em uma relação quase maternal entre o jovem Félix e a sra. de Mortsauf. Temos a sensação de que todo um devaneio afetivo e erótico de Balzac hesita entre a figura materna e a figura feminina. Encontraremos também, em *Um aconchego de solteirão*, o personagem da mãe impiedosa com o filho “bom” e que tem todas as indulgências para com o mau.

O colégio dos Oratoriens de Vendôme é outra experiência marcante da infância do romancista. O local ainda existe, é hoje o liceu Ronsard, e, certamente, o ambiente que reina ali nada mais tem a ver com o de quase dois séculos atrás. Em *Louis Lambert*, Balzac utilizou suas recordações para fazer uma evocação bastante precisa do local. Em primeiro lugar, ao transpor o portão de entrada dessas severas construções conventuais, fica-se por um longo tempo: não há férias, as visitas são raramente autorizadas, os passeios rigorosamente delimitados. A disciplina é rude: “A clássica palmatória em couro desempenhava com honra o seu terrível papel. As punições outrora inventadas pela Companhia de Jesus e que tinham um caráter assustador tanto moral quanto fisicamente continuaram fazendo parte do antigo programa. As cartas aos pais eram obrigatórias em certos dias, bem como a confissão. Assim, os nossos pecados e os nossos sentimentos eram rigorosamente fiscalizados”.

O aluno Balzac é descrito ali como “uma criança gorda, bochechuda e de rosto vermelho; no inverno, coberto de friei-

ras nas mãos e nos pés, taciturno e do qual nada se consegue arrancar...”. Mais indulgente, um outro pedagogo diz: “de caráter lento, mas de boa conduta e índole feliz”. O conjunto causa uma certa pena.

Um episódio célebre de *Louis Lambert* é o do *Tratado da vontade*, escrito em segredo pelo herói e que, depois de uma denúncia, é impiedosamente confiscado pelo regente. Laure Surville afirma que tal desventura ocorreu tal e qual com o seu irmão. As sinistras escolas-prisões têm ao menos uma virtude: fazer borbulhar as imaginações e os desejos de jovens gênios incompreendidos e cativos...

O certo é que Honoré travou, no colégio de Vendôme, o duro aprendizado das relações sociais, num meio em que o confinamento e a disciplina geram as agressividades, as zombarias, as violências implacáveis entre crianças.

Também é incontestável que os seus resultados escolares não são notáveis. O menino Balzac empalidece, isola-se. Está infeliz. Em 1813, chega a tal ponto que deve ser retirado da escola com urgência: ele fecha-se no silêncio. Hoje se diria que está deprimido.

Não é apenas por causa do seu estado psicológico que Balzac foi retirado da escola de Vendôme. Em 1813, ocorre uma mudança de cenário: Bernard-François Balzac é transferido para Paris, ainda como diretor de mantimentos das forças armadas.

A família se instala então na capital, no número 122, Rue du Temple. Para Honoré, as provas ainda não terminaram: depois de ter repetido o equivalente à 8ª série do ensino fundamental, continua como interno, primeiro na pensão Lepître, depois na instituição Ganser. Conclui sem proezas os estudos secundários no liceu Charlemagne e, em 1816, começa a estudar Direito.

No ano seguinte, começa a trabalhar, na qualidade de escrevente de procurador, para Guyonnet-Merville, no número 42 Rue Coquillière. Alguns meses depois, torna-se escrevente

de tabelião. Essa orientação, que não o entusiasmava nem um pouco, se revelará mais tarde preciosa por tudo que fez o futuro romancista descobrir e compreender. Derville, o tabelião que aparece inúmeras vezes em *A comédia humana*, parece ter sido inspirado pelo primeiro empregador de Balzac.

Por enquanto, devemos imaginar um adolescente de quinze ou dezesseis anos que descobre Paris, depois dos anos de isolamento nos Oratoriens. É todo um mundo novo, para o qual ele olha assombrado e curioso.

As ruas do Marais estão, nessa época, longe de serem as de um bairro da moda e altamente cobiçado em que hoje se transformaram. Um pouco mais tarde, quando o jovem Victor Hugo buscar um alojamento módico para ele e sua família, escolherá uma casa na Place des Vosges... Esse hoje renovado e prestigiado bairro, que se desenvolveu no início do século XVII, é então o bairro dos lojistas, dos artesãos, dos funcionários públicos, dos que vivem com pequenas rendas. Estudante e depois escrevente de procurador, o jovem Balzac saltita por essa grande cidade de ruas estreitas, barulhentas, bastante sujas, da qual descobre, no escritório do seu patrão, as pequenas questões de casamento e herança, os conflitos comerciais, as comédias e os desastres.

A Paris do início do século XIX oferece uma fisionomia bastante diferente da que conhecemos e que é, para muitos, o legado de Haussmann.

A não ser pela Notre-Dame e a parte mais antiga do Louvre, mais ou menos cercadas de casebres, assim como o Panthéon (que a Restauração chama novamente de igreja Sainte-Geneviève) e os Invalides, construídos no reinado de Louis XV, nenhum dos pontos de referência que estruturam a Paris de hoje está presente. A cidade se estabelece entre os grandes bulevares do norte e, ao sul, na margem esquerda do Sena, os traçados dos atuais Boulevard de l'Hôpital, Saint-Marcel e de Montparnasse até os Invalides. Fora desses limites já estão os *faubourgs*, a periferia. Há terrenos baldios no que se chama a planície de Grenelle, Vaugirard é um vilarejo,

vêm-se hortas no atual 11^o distrito. As grandes artérias como o Boulevard Saint-Michel ou Sébastopol não existem. O centro de Paris é um entrelaçamento de ruelas estreitas, frequentemente insalubres, das quais Restif de la Bretonne e Louis-Sébastien Mercier, antes e durante a Revolução Francesa, nos deixaram quadros surpreendentes.

Um elefante reina no meio da Place de la Bastille, maquete de gesso e ferro de um monumento projetado durante o Império. Hugo situará nas entranhas desse elefante um episódio célebre de *Os miseráveis*.

A cidade possui mais água limpa desde que Napoleão abriu o canal da Ourcq para revitalizá-la. O cunhado de Balzac, Surville, marido de Laure, que é engenheiro, participa de sua manutenção. Como todos os grandes soberanos, Napoleão havia sonhado em transformar Paris e ordenou obras de embelezamento das quais restam projetos, titânicos aliás, que não teve tempo de levar a cabo, o que talvez seja bom. O imperador deixará em Paris apenas algumas pontes marcadas por um N. O Arco do Triunfo está sendo construído e não é a monarquia restaurada que vai se apressar para impulsionar os trabalhos...

A Concorde, já ornada de prédios grandiosos de Gabriele, que datam de Louis XV, é um terreno baldio. Murmurase que os animais de tração bufam ao passar pelo local da guilhotina de tanto que a terra, naquele lugar, impregnou-se de sangue. A Champs-Élysées é um passeio arborizado onde se vai durante o dia tomar ar fresco e assistir a números de saltimbancos, mas que é evitada à noite: o lugar não é muito seguro, e a prostituição impera. A atual Avenue Montaigne chama-se então “o caminho das viúvas”, o que diz muita coisa.

Em 1815, é nessa mesma área que os cossacos russos estabelecem os seus quartéis, o que marcará por muito tempo a memória dos parisienses.

É que a história está em ebulição. Certamente não se ouvia no colégio dos Oratoriens o deslocamento dos exércitos

e o estrondo dos boletins de vitória. Nessa época, Honoré tudo assiste dos camarotes. Não resta dúvida de que a família preocupa-se com os acontecimentos políticos: a situação do sr. Balzac lhe impõe que seja bem visto pelo poder, esteja este nas mãos de quem estiver. A desastrosa e terrível expedição a Moscou marcou, no Império, o início do fim. Depois de anos de uma guerra atroz, impiedosa, ainda a Espanha escapou do domínio da águia. Os ingleses se estabeleceram em Portugal. Em 1813, a coalizão formada por Prússia, Rússia, Alemanha, Inglaterra e Áustria inflige ao imperador uma derrota em Leipzig. Então é possível vencê-lo?! No ano seguinte, face aos adversários decididos a acabar com ele, as forças francesas lutam no seu próprio território. Champaubert, Montmirail, Château-Thierry... Os amadores de estratégias militares afirmam que o gênio do pequeno tenente corso nunca foi tão brilhante. Talvez, mas morre-se por nada, e de agora em diante os franceses o sabem. Ainda mais as francesas, a quem o Ogro tomou os irmãos, os maridos e, agora, os filhos.

Em 31 de março, os Aliados estão na capital. Napoleão abdica em 6 de abril. Louis XVIII, que aguardava os acontecimentos na Bélgica, volta a Paris.

Menos de um ano depois, enganando a segurança dos navios e os espíões, o Ogro consegue deixar a ilha de Elba. Desde a sua chegada no continente, é saudado pelo mesmo povo que o vaiava alguns meses antes. As coligações se multiplicam. O marechal Ney, que enquanto isso havia se aliado à monarquia, volta atrás e se joga aos pés do Imperador. O rei Louis XVIII foge. Napoleão retoma as rédeas. Tentativa vã: cem dias depois, em Waterloo, o Imperador é esmagado. Esse último retorno custaria ainda alguns milhares de vidas humanas à Europa...

Dessa vez, trata-se de colocar a França em ordem. Pensa-se até em dividi-la em duas, criando um reino distinto no Sul, que teria Toulouse por capital. O duque de Angoulême, sobrinho do rei, ocuparia o trono.

Os Aliados tomam novamente Paris. É difícil imaginar o trauma que isso significa para os franceses. Desde sempre a cidade venera Santa Genoveva, que dizem ter desviado as tropas de Átila da capital com as suas preces. Homem algum se lembra de Paris tomada jamais! Um pouco mais tarde, sob Louis-Philippe, se buscará dotar a cidade de novas defesas: aquelas famosas fortificações, os *fortifs*, que cederão o espaço necessário, depois de 1960, à construção da perimetral.

Esse é o ambiente no qual se desenrola a adolescência de Honoré de Balzac. O império desmoronado deixa uma França militarmente vencida, profundamente dividida depois de 25 anos de perturbações. Mais de um milhão de franceses morreram em vinte anos nos campos de batalha. Vive-se em meio a uma guerra civil. Os acertos de contas, as delações, os processos sumários se multiplicam. Dumas situará nesses momentos de distúrbio o seu grande romance, *O conde de Montecristo*.

São os tempos do Terror Branco, que foi, aliás, menos sistemático do que se costuma afirmar: o velho Louis XVIII, depois de ter passado boa parte de sua vida no exílio (exílio esse que não foi, de modo algum, sempre dourado), aspira à tranqüilidade e esforça-se, com relativo sucesso, para refrear o espírito revanchista de uma pequena parte do seu entorno, a começar pelo seu irmão, o conde de Artois, que reinará um pouco mais tarde, com o nome de Charles X. Diz-se que Louis XVIII era egoísta, medíocre, prudente até a covardia: o que é, sem dúvida, verdade, mas é graças a esses defeitos que ele presta serviços à França, que, então, precisa de tudo, menos de um provocador. Será o primeiro a conseguir fazer funcionar nesse país um regime de tipo burguês e parlamentar. Esse que os franceses chamam de “porcão” traz, ao menos, a paz.

Ao longo desses vinte anos, aconteceram muitas coisas que seriam impensáveis durante a velha monarquia. Filhos de artesãos tornaram-se marechais do Império e têm títulos pretensiosos, os de uma nova e falsa nobreza, recuperada

em toda a Europa: duque de Elchingen, duque de Otrante ou príncipe de Moskowa! Camponeses fizeram fortuna; burgueses desconhecidos, vindos das províncias, votaram a morte do descendente de São Luís. Todos aqueles que tinham boas razões para temer uma Restauração foram os sustentáculos mais zelosos da ditadura imperial. Durante mais de quinze anos, os produtos franceses tiveram mercado em toda a Europa. Os fornecedores dos exércitos ganharam milhões. A velha nobreza, na maioria dos casos, está arruinada.

Se Napoleão soube organizar a França depois do período revolucionário e dar-lhe uma estrutura administrativa e legislativa da qual diversos aspectos ainda permanecem em vigor, ele deixa para trás uma França demográfica e politicamente fraca, que irá semear as futuras paixões nacionalistas. O triste sr. de Metternich, o cínico sr. de Talleyrand é que vão assegurar à Europa quase meio século de paz. Mas a preferência popular é injusta: Napoleão permanece o ídolo do povo francês, especialmente entre a geração mais jovem.

O menino solitário e mal-amado de Vendôme também estremece ao lembrar da epopéia imperial e sonha em obter a glória, agora impossível de ser obtida pela espada, forjando um mundo pelo pensamento e pela imaginação. Dessa aspiração, que lhe veio cedo, temos o testemunho: “Nada, nada além do amor e da glória pode preencher o lugar vasto que o meu coração oferece”, escreve à sua irmã em 1819. Treze anos mais tarde, jovem romancista já tocado pelo sucesso, confiará à sua amiga Zulma Carraud: “Há vocações às quais é preciso obedecer, e algo de irresistível me leva à glória e ao poder”.

Essa aspiração é a mesma compartilhada com os heróis dos seus livros, tenham eles o nome de Louis Lambert, Raphaël de Valentin, Lucien de Rubempré, Eugène de Rastignac ou tantos outros.

Ora, apesar do enorme transtorno social que permite que tais ambições nasçam e se mostrem, transtorno esse ocorrido com a rapidez de um meteoro (a monarquia capetiana

havia durado sete séculos!), a arte e a literatura ainda não sofrem verdadeiramente as conseqüências e tampouco haviam expressado a sua força. Isso será incubado durante alguns anos, ao longo da santificada e muito católica monarquia de Louis XVIII e de Charles X, nos cérebros de jovens ainda bastante desconhecidos chamados Hugo, Delacroix, Géricault, Berlioz, Dumas, Vigny, Musset. E Balzac.